

---

# O AMIGO, O CADERNO, O PENSAR

Rosana Aparecida Fernandes

## DOIS AMIGOS E A AFLIÇÃO QUE DESENCADEOU O PENSAR

*Por que se é amigo de alguém? Para mim, é uma questão de percepção. É o fato de... Não o fato de ter idéias em comum. O que quer dizer “ter coisas em comum com alguém”? Vou dizer banalidades, mas é se entender sem precisar explicar. [...] É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de idéias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto. [...] Há frases insignificantes que têm tanto charme e mostram tanta delicadeza que, imediatamente, você acha que aquela pessoa é sua, não no sentido de propriedade, mas é sua e você espera ser dela. Neste momento nasce a amizade. Há de fato uma questão de percepção. Perceber algo que lhe convém, que ensina, que abre e revela alguma coisa.*  
*L'abécédaire de Gilles Deleuze, letra “F” de Fidelidade.*

O filme “*Onde Fica a Casa do Meu Amigo?*”, de Abbas Kiarostami, traz a relação de dois amigos, Mohammad Reza Nematzadeh e Ahmad, e exhibe uma ligação silenciosa, constituída por uma comunicação que se passa quase sem palavras, apenas os dois amigos são capazes de acompanhar certos movimentos um do outro, captar determinados signos, destrinchar e acolher, compreender sem explicitações, sem demora, sem alarde. Tudo que ocorre entre os dois amigos envolve uma micropercepção, um silêncio; explicações não conseguiriam dizer, contar, mostrar. Outro princípio de comunicação se instaura entre os dois amigos, cheio de subterrâneos, feito de microconversações e regulado por uma semiótica seguramente mais muda que o de costume, inaudível para certos ouvidos.

De posse do caderno de Mohammad, o amigo Ahmad cuida do caderno com fidelidade, vigilância e empenho. Até tenta explicar para a mãe, o avô, e outras pessoas a necessidade de procurar o amigo para devolver o caderno, mas não obtém êxito. E, rapidamente, Ahmad entende que falar sobre o amigo, descrever o que se passou na sala de aula, não vai ajudar muito, pois existem impressões, afecções e sensibilidades do amigo que somente para ele tornaram-se visíveis, perceptíveis. A cumplicidade que há entre Ahmad e Mohammad não pode ser compreendida por todos. Na situação que se formulou, apenas Ahmad alcança certas sensações que habitam o amigo, que o atormentam e o entristecem.

A busca pela casa do amigo afecta Ahmad, o arrasta para um devir-amigo, os poderes de ser afectado do menino estão voltados para o devir no qual ele entrou e que, agora, não faz outra coisa senão metamorfoseá-lo, de tal maneira que a sua potência de agir varia. O devir-amigo alterou os modos de Ahmad passear, e interagir com o mundo.

Uma senhora que lava vasilhas vê Ahmad em frente à porta azul e pergunta:

---

A senhora: — Ei, quem você está procurando?

Ahmad: — Hemmati.

A senhora: — Qual Hemmati, querido?

Ahmad: — Ali Hemmati.

A senhora: — Ele saiu há 5 minutos. Eles foram para Koker.

Ahmad: — Mas eu acabei de vir de lá.

A senhora: — Veja, lá está ele caminhando com o pai.

Ahmad: — Ali Hemmati! Hemmati! Ali Hemmati!

Em um momento posterior, depois de seguir um senhor montado no burro, Ahmad vê, saindo da casa do senhor, um menino, que também está usando uma calça de um marrom desbotado, muito parecida com a calça do seu amigo, todavia uma porta cobre o rosto do menino. Em suspenso, Ahmad aguarda, apoiado em uma pilastra, o menino entregar a porta para o pai. Assim que o pai parte, Ahmad pergunta:

Ahmad: — Esta é a casa de Nematzadeh?

O menino, também de sobrenome Nematzadeh, investiga: — Quem você procura?

Ahmad: — Mohammad Reza Nematzadeh.

O menino: — Eu não o conheço.

Ahmad: — É meu colega de classe.

O menino: — Eu sou Nematzadeh. Mas não conheço nenhum Mohammad Reza. Há muitos Nematzadeh aqui, o que você quer com ele?

Ahmad: — Quero devolver o caderno dele.

O menino: — Não o conheço. O que o pai dele faz?

Ahmad: — Eu não sei.

O menino: — Ele tem um rebanho?

Ahmad: — Não sei, talvez. Certa vez, trouxe leite para o diretor.

É exatamente assim que a casa do amigo, Ahmad e Mohammad comunicam-se na invenção de uma amizade. Parafraseando Deleuze e Guattari, talvez caiba dizer que Ahmad entra em um

---

devir-amigo, não cessa de devir, para que o amigo se torne, ele mesmo, outra coisa e possa escapar à sua agonia (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 141-142). O corpo liberado das suas unidades já conhecidas experimenta outras potências. A saída em busca da casa do amigo leva o menino a juntar-se ao improvável de si, do amigo, e do mundo.

Ahmad: — Ei, Morteza! Você mora aqui?

Morteza: — Sim.

Ahmad: — Sabe onde fica a casa de Nematzadeh?

Morteza: — Eu só sei que fica para lá.

Ahmad: — Eu estou com o caderno dele e preciso devolver. O que devo fazer?

Morteza: — Sei onde mora o primo dele.

Ahmad: — Hemmati?

Morteza: — Sim.

Ahmad: — Vamos entregar isso a ele.

Morteza: — Não, preciso levar este leite.

Ahmad: — Então, pode me dar o endereço?

Morteza: — A casa dele fica em Khanevar. Há uma escadaria em frente, uma porta azul e outra escadaria do lado da casa.

Ahmad: — Qual é o bairro mesmo?

Morteza: — Khanevar.

A pergunta onde fica a casa do meu amigo? é uma paisagem, uma afecção, um devir que a ventania aspirou lá no instante no qual Ahmad fazia a tarefa de Mohammad, e depois o largou no mundo, a ventania que abriu porta, sacudiu e alvoroçou lençóis, folheou as páginas do caderno de Mohammad, e testemunhou a potência, a solidão, e as forças que uma amizade invoca, e agita.

Respira-se, no filme, um clima de magia e incerteza. O vento que abre a porta do quarto de Ahmad possui algo de preocupante e de ansioso: acredito que, cada vez que há vento, agitam-se dentro de nós as preocupações, a alma agita-se. A porta se abre, o espaço já não é limitado ao quarto e, com o vento, as preocupações do menino chegam até nós. (KIAROSTAMI, 2004, p. 221).

---

E sempre que alguém volta ao filme, a pergunta *onde fica a casa do meu amigo?* retorna a latejar na estrada de Koker a Poshteh, revitalizando os rastros de uma amizade, e agitando os ventos que carregam os traços de uma amizade indispensável para que um corpo não pensante pense, e crie. Só existe pensamento perante um encontro fundamental. Um pensamento não se desprende naturalmente de um corpo, não depende de uma boa vontade ou de um esforço voluntário. Um pensamento é fabricado mediante uma agressão que obriga o pensamento a pensar.

## O CADERNO É PRIVADO

*Para mim, duas coisas são importantes: a relação que podemos ter com os estudantes é ensinar que eles fiquem felizes com sua solidão. Eles vivem dizendo: “Um pouco de comunicação. Nós nos sentimos sós, somos todos solitários”. Por isso eles querem escolas. Eles não poderão fazer nada em relação à solidão. Temos de ensinar-lhes os benefícios da sua solidão, reconciliá-los com sua solidão. Esse era o meu papel de professor. O segundo aspecto é um pouco a mesma coisa. Não quero lançar noções que façam escola. Quero lançar noções e conceitos que se tornem correntes, que se tornem não exatamente ordinárias, mas que se tornem ideias correntes, que possam ser manejadas de vários modos. Isso só é possível se eu me dirigir a solitários que vão transformar as noções ao seu modo, usá-las de acordo com suas necessidades. Tudo isso são noções de movimento, não de escola. L’abécédaire de Gilles Deleuze, letra “P” de Professor.*

Mohammad foi três vezes advertido pelo professor por não comparecer à aula com o dever devidamente resolvido no caderno. O professor rasga a folha exibida por Mohammad, e ameaça expulsar o menino se ele voltar a apresentar tarefas escolares em folhas avulsas.

Mohammad e Ahmad imergem no secreto que subsiste às exposições e se inscreve no caderno.

O argumento do filme apresenta certa relação com o caderno e o amigo, movimentando interrogações que circundam o caderno, o uso do caderno em uma escola, e a amizade que se faz, muitas vezes, condição para pensar, e ir além dos próprios limites. Interessa explorar, aqui, elementos do argumento e problemáticas desafiadas pelo filme, especialmente os conceitos de público e de privado.

Hannah Arendt pondera que a educação se encontra “entre esferas”: a esfera privada, que “constitui um escudo contra o mundo e, sobretudo, contra o aspecto público do mundo” (ARENDR, 2014, p. 236); e a esfera pública, do comum, daquilo que é “visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDR, 2001, p. 59).

Uma sala de aula é um espaço compartilhado por muitos indivíduos, no entanto, muitos acontecimentos que nela se dão são privados. Há funcionamentos e particularidades do estudar que só podem ser experimentados e alcançados na privatividade ou na intimidade.

---

O que um estudante escreve no caderno é pessoal, não um trabalho público. Um caderno é feito de anotações, intuições, inícios. O estudante muitas vezes titubeia, duvida, hesita, mas escreve, anota. O estudante encobre com o braço as palavras recém-escritas, disfarça, desconversa, não quer o olhar do outro que significa, interpreta, julga. O caderno é um lugar de possibilidades, e o estudante confia e escreve, porque o caderno é privado.

Volta e meia o estudante conversa com o amigo através do caderno, ele passa adiante, envia um recado, uma pergunta, quer saber algo que tem a ver com tudo o que se passa ali, na sala de aula, mas que, não obstante, é privado. O estudante pergunta ao amigo o que não perguntaria a mais ninguém. O caderno é conduto de uma e outra conversa. O caderno é guardião de algumas ideias preliminares, inacabadas, recentemente apontadas. O caderno é arquivo do que se deseja lembrar, pensar melhor depois, dedicar tempo, esmiuçar.

Portanto, a escola apresenta uma espécie de paradoxo: fala do estudar, atrai os estudantes, pede que estudem, que escrevam em seus cadernos, e não atende o caráter privativo do estudo, não nota que o estudante que estuda, efetivamente se retira, precisa se recolher, por vezes passa a habitar uma esfera privada, e seus trabalhos e produções não são, primeiramente, públicos. Caso uma produção discente seja desprivatizada será sempre porque o estudante desejou a aparição pública, considerou que a sua produção deve ser publicada. A exposição não é uma obrigatoriedade.

Não obstante, frequentemente os professores percorrem as salas de aula, olham os cadernos dos alunos, fazem anotações com as suas canetas, dão ordens, reterritorializam, atribuem significâncias e interpretações.

O déspota ou o deus mostra ameaçadoramente seu rosto solar que é todo seu corpo, como corpo do significante. Ele me olhou com um ar esquisito, franziu a sobrancelha, o que eu fiz para que mudasse de rosto? Tenho sua foto diante de mim, parece que ela me olha... Vigilância do rosto, diria Strindberg, sobrecodificação do significante, irradiação em todos os sentidos, onipresença ilocalizada. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 66).

Há uma série de certezas, de clichês e convicções acerca da docência que se personificam na Figura do professor. O modo como os professores interagem com as produções dos estudantes está impregnado desses chavões. Em se tratando da Figura docente uma das operações mais urgentes é, justamente, romper com as representações, borrar traços figurativos, ilustrativos, para que a Figura se erga, liberta de toda figuração, e produza outros sentidos para a docência — desarticulação, ou “n” articulações, experimentações em atenção à lógica das sensações. A figuração tende a engessar

---

as relações docentes e discentes, os dados figurativos são anteriores ao encontro, preexistem, fundam modelos.

Somos bombardeados por fotos que são ilustrações, jornais que são narração, imagens-cinema, imagens-televisão. Há clichês psíquicos assim como clichês físicos, percepções já prontas, lembranças, fantasmas. (DELEUZE, 2007, p. 91-92).

O professor deve também saber calar-se, nem tudo querer saber. Muitas vezes o que impede o estudo é a impossibilidade da privatividade, do recolhimento, é a exigência de certo comportamento escolar. Estudar tem muito mais de pausas e alusões do que de diálogos, exposições, interações. “É para trás que conduz o estudo, que converte a existência em escrita” (BENJAMIN, 1994, p. 163). O estudo solicita retiros, afastamentos e interrupções que ativam a criação e desafiam o pensamento, as ideias, a percepção. “A distinção entre as esferas pública e privada, encarada do ponto de vista da privatividade e não do corpo político, equivale à diferença entre o que deve ser exibido e o que deve ser ocultado” (ARENDT, 2001, p. 82). O estudo requer a proteção da intimidade e a segurança que preserva; não pode ser regra que o material que decorre do estudo deve ser exposto à luz do mundo, o estudante é autor, tem autonomia. O compromisso do estudante deve ser com o estudo, com o objeto de seu estudo.

Estudar é um ato contínuo. Repetidamente, quem estuda cala, lê devagar, lentamente. O corpo não pode dormir. O sono só vem quando quer. E mesmo quando dorme, acontece frequentemente de o estudante levantar no meio da madrugada para fazer anotações. No criado-mudo estão lápis, canetas, borracha, papéis e uma prancheta. O estudante não põe fim ao estudo, o estudante prorroga o estudo, se detém, lê e escreve pausadamente, e o estudo dura a noite inteira.

O estudo é pausa que se oferece a esse mundo tão habitado, atordoado, sem tempo, e sem jeito para o recolhimento, a solidão. São muitas as operações que tratam de esburacar um pouco que seja os arredores estudantis, produzindo interrupções, intervalos, outros mundos possíveis. O cigarro que se traga entre uma aula e outra, entre um parágrafo e outro, é também defender o recolhimento de que se necessita. Aceitar o mate e passá-lo adiante não é o mesmo que tecer junto com outros alguns vácuos na conversa que se trava? Um copo com água, café, tanto faz, não é simplesmente um copo, é um gesto de pausa, um gesto que fabrica pausa. Estudar é ir e vir, é percorrer um imenso e ilimitado vaivém de mãos, textos, copos, leituras e pausas.

Os livros vão-se amontoando, abertos, atravessados, empilhados, manuseados. O estudo persiste, demora-se, estende-se de outono-a-outono. Alguns livros já nem fecham mais. Quem nunca viu o volume que fazem os vincos? São tantas as marcas, de todos os tipos, algumas

---

voluntárias, intencionais, convencidas de sublinharem algo importante, imperdível talvez, outras feitas nesses golpes de afã ou de entusiasmo. Mas também existem as marcas do acaso, do café que não se contém, do vinho, do chá, da mão que vagueia, e não sabe se se embriaga com o livro, se se concentra na bebida. E como esquecer as marcas que sugerem nada mais que o gesto de uma pausa? Mais precisamente ainda, o gesto de uma pausa qualquer... Uma pausa que se configura na eminência de um cotovelo-apoiado, de um queixo-apoiado. Uma pausa que se cumpre na imanência de uma eventual abertura, de uma saída, de uma fresta qualquer que, enfim, encontra ocasião.

### **PENSAR COM O OUTRO, O AMIGO**

*A reprodução do Mesmo não é um motor dos gestos. [...] A aprendizagem não se faz na relação da representação com a ação (como reprodução do Mesmo), mas na relação do signo com a resposta (como encontro com o Outro). [...] Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem "faça comigo" e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. Diferença e Repetição, Gilles Deleuze.*

Michel Foucault, em uma entrevista intitulada de “Da amizade como modo de vida”, publicada no jornal “Gai Pied”, em abril de 1981, coloca a questão:

Como é possível para os homens estarem juntos? Viver juntos, compartilhar seus tempos, sua comida, seus lares, suas liberdades, suas aflições, seu saber, suas confidências? O que é isso de estar entre homens ‘em desnudo’, fora das relações institucionais, de família, de coleguismo obrigatório? É um desejo, uma inquietação, um desejo-inquietação que existe em muitas pessoas.

Isso é o mesmo que atender às amizades trazidas pelo vento, pelo acaso, e junto com o amigo experimentar potências da percepção, da sensação, da memória e do pensamento. Há amizades e encontros que aumentam a potência de agir, viver, pensar, sentir. E pensar *com* o outro — o amigo — é um pensar que suscita, de fato, aprendizados que persistem e se desenrolam por toda a vida.

Nas escolas, incidem alguns equívocos acerca do estudar. E para compreender essas mal-entendidos é essencial perceber que existe diferenças de natureza entre: o pensar que desencadeia mudanças vitais, produzem sentido na vida, no cotidiano, e afetam os envolvidos, impelindo cada um à distensão de si, ao aumento de potência, à enésima potência das faculdades; o pensar que é um reconhecimento de pensamentos já elaborados, um exercício de reconhecimento, de representação e correspondência, de memorização e reprodução do mesmo.

*A reprodução do Mesmo não é um motor dos gestos. [...] A aprendizagem não se faz na relação da representação com a ação (como reprodução do Mesmo), mas na relação do signo com a resposta (como encontro com o Outro). [...] Nada aprendemos com*

---

aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem "faça comigo" e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. (DELEUZE, 1988, p. 54).

Acerca do pensar há uma grande confusão, sob a qual processos diferentes são designados pela mesma palavra. Talvez porque “pensar” é um verbo comumente usado no cotidiano. O fato é que há muito mal-entendido entre o pensar e a Imagem Dogmática do Pensamento<sup>1</sup>. Seguidamente pode-se ver em bancas de revista manchetes como: “Boa idéia: Um software que ensina a turma a pensar”, ou ainda constatar que alguns programas de governo assumem uma política de apostilamento, e, com isso, reduzem o pensar e o aprender às concepções cognitivistas da aprendizagem, dando ênfase aos testes psicomotores e retomando uma classificação difundida pela “Taxonomia de Bloom”, que resume o pensar e o aprender ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras. Não raramente substitui-se um pensador por um carregador de informações e conhecimentos, um juiz ou um sábio. Sem ligeireza, o pensamento é capturado e submetido ao aprendizado e ao exercício das formas mais domesticadas do pensar, que estão ligadas à Imagem Dogmática do Pensamento.

Mais ainda, o preconceito é infantil e escolar, pois o professor é quem ‘dá’ os problemas, cabendo ao aluno a tarefa de descobrir-lhes a solução. Desse modo, somos mantidos numa espécie de escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas: esse poder, ‘semidivino’, implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros. (DELEUZE, 1999, p. 9).

A distinção entre “pensar” e “Imagem Dogmática do Pensamento” é fundamental: a) Por um lado, tem-se a Imagem Dogmática do Pensamento que inibe o pensar e a criação, ao colocar a obtenção do saber à frente do pensar, do problematizar, do criar; e ao demandar, prioritariamente, uma correlação do intelecto com a sua exterioridade, não um encontro com o fora do pensamento, com o mundo, com o outro. De modo que o reconhecimento, a representação, a reprodução de saberes, ou qualquer outra Imagem Dogmática do Pensamento, não condizem com o pensar, pois esses processos supõem a existência de uma faculdade do pensamento que é correlata ao que lhe é exterior, e se configura numa contiguidade de si no espaço, numa adequação do intelecto ao mundo da extensão. Pensar não propõe, simplesmente, uma habilidade a ser desenvolvida ou adquirida,

---

<sup>1</sup> No capítulo três de “Diferença e Repetição”, Gilles Deleuze (1988) desenvolve uma crítica rigorosa à Imagem Dogmática do Pensamento, que inibe o pensar, ao invés de promovê-lo, pois o remete sempre a algo já pensado e já dado. Tal imagem desdobra-se em oito postulados, e para cada um correspondem duas respectivas figuras.

---

nem se diz de uma faculdade inata aos indivíduos, pois ambas estão longe da criação e da imanência de *uma* vida. Pensar não se afina com as faculdades de interpretar, julgar, reconhecer, separar ou significar; b) Por outro lado, cada vez que uma partilha entre amigos é efetuada, um pensamento se faz exercer. E “é o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamentos entre amigos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 92-93) e “exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 92-93). No ato de pensar *com* outro, um amigo emite signos, e o outro, sensível a eles, os recebe. Os amigos se afetam, desconfiam e enfrentam um o pensamento do outro, encarnando uma amizade que se faz condição para pensar.

A amizade é um traço vivo do pensamento, não uma invenção abstrata dos pretendentes da sabedoria. A amizade expressa uma postura política, uma abertura ao outro e ao mundo. A amizade é condição para pensar.

Na “Dignidade da Política” (1993), Hannah Arendt volta à Grécia Antiga, justamente, para tratar do diálogo entre amigos. Para Arendt a mais preciosa virtude política é a amizade, o gesto de aproximar-se dos outros, ouvir com verdadeira atenção o que o outro diz, e de pensar junto *com* o outro, acolhendo-o e respeitando-o na sua diferença, na sua idiossincrasia. Amizades são exercidas em espaços-tempos discursivos, que promovem a coexistência de diferentes perspectivas, escolhas, ideias.

O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão — em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro — é o tipo de *insight* político por excelência. (ARENDR, 1993, p. 99).

E é igualmente com Hannah Arendt que se afirma, aqui, a necessidade de se promover uma educação apta a receber esses recém-chegados, esses que nascem trazendo consigo o inesperado, e a possibilidade de construir outros mundos, novas existências, para além dos estereótipos, dos clichês, das tiranias, das guerras e dos desentendimentos entre os povos.

Pensar e viver são acontecimentos profundamente implicados um no outro. E o exercício do filosofar pode aumentar a potência de pensar das crianças e dos jovens, e intensificar as condições que ambos têm de se posicionarem no mundo através do discurso, da expressão do pensamento, e

---

da amizade. Para além do nascimento biológico há a possibilidade de um segundo nascimento. Na perspectiva arendtiana, a função da educação é a de preparar “os recém-chegados” para o seu segundo nascimento. E é ao relacionar-se *com* outros no espaço público, de modo singular e original, que o segundo nascimento acontece: o nascimento político. Uma amizade abre os corpos à incomensurabilidade de *si*, de *outrem*, e de tudo que é divulgado no interstício dos dois. Uma amizade comete uma espécie de confiança que combina intimidade, silêncio, proximidade, e uma distância intransponível. Uma amizade não se dá por afinidades, parentesco, ou semelhanças, mas, sim, pelo potencial de diferenciação que ela despende. Não se aprende a pensar fazendo *como* outros fazem, reproduzindo, imitando, mas sim se atrevendo a pensar *com* outros, conjugando as próprias forças *com* as forças de outros, iniciando trajetórias que não podem ser antevistos. “Trata-se de um início que difere do início do mundo; não é o início de uma coisa, mas de alguém que é, ele próprio, um iniciador” (ARENDDT, 2001, p. 190). Em uma relação de amizade, os sujeitos envolvidos aprendem que pensar junto é ouvir, perguntar, ajudar o outro a pensar, mas não necessariamente concordar, chegar às mesmas conclusões, ou respostas. A amizade mostra-se comprometida, sobretudo, com o ato de pensar e o aumento de potência, para que os amigos alcancem novos limiares de intensidade. Não raramente os amigos concebem pensamentos distintos.

## FILMOGRAFIA

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997.

ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO? Direção: Abbas Kiarostami. Irã: 1987.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. A Dignidade da Política: ensaios e conferências. Tradução de Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, G. Francis Bacon: lógica da sensação. Tradução de Roberto Machado (Coord.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

\_\_\_\_\_. Diferença e Repetição. Tradução de Luiz B. L. Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Bergsonismo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999. (TRANS.)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (TRANS.)

---

\_\_\_\_\_. Mil Platôs — capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 2. (TRANS.)

FOUCAULT, M. De l'amitié comme mode de vie. Gai Pied, n° 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>>. Acesso em: 10 nov. 2006. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

KIAROSTAMI, A. Abbas Kiarostami. Tradução de Alvaro Machado; Eduardo Brandão. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

## **RESUMO**

O filme "Onde Fica a Casa do Meu Amigo?", de Abbas Kiarostami, traz a relação de dois amigos. Mohammad foi três vezes advertido pelo professor por não comparecer à aula com o dever devidamente resolvido no caderno. O professor rasga a folha exibida por Mohammad, e ameaça expulsar o menino se ele voltar a apresentar tarefas escolares em folhas avulsas. De posse do caderno de Mohammad, o amigo Ahmad cuida do caderno com fidelidade, vigilância e empenho. Até tenta explicar para a mãe, o avô, e outras pessoas a necessidade de procurar o amigo para devolver o caderno, mas não obtém êxito. Mohammad e Ahmad imergem no secreto que subsiste às exposições e se inscreve no caderno. O argumento do filme apresenta certa relação com o caderno e o amigo, movimenta interrogações que circundam o caderno, o uso do caderno em uma escola, e a amizade que se faz, muitas vezes, condição para pensar, e ir além dos próprios limites. Interessa explorar, neste artigo, elementos do argumento e problemáticas desafiadas pelo filme, especialmente os conceitos de público e de privado.

**Palavras-chave:** Estudar. Amizade. Pensar.

## **FRIEND, NOTEBOOK, THINKING**

### **ABSTRACT**

The movie "Where is my Friend's House", by Abbas Kiarostami, shows the relationship between two friends. Mohammad was scolded three times by the teacher because he came to class without finishing his homework in his notebook. The teacher rips the paper presented by Mohammad, and threatens to expel the boy if he presents his homework in a separated sheet. Holding Mohammad's notebook, his friend Ahmad takes care of it with loyalty, vigilance and commitment. He even tries to explain to his mother, grandfather, and other people the necessity of finding his friend to give his notebook back, but is unsuccessful. Mohammad and Ahmad dive in secret that subsists exposures and inscribes itself in the notebook. The argument of the movie has some connection with the notebook and with the friend, moves questions surrounding the notebook, the use of a notebook in a school, and the friendship that is often condition to think and go beyond oneself limits. This article's goal is to explore elements of the argument and problematic challenged by the movie, specially the concepts of public and private.

**Keywords:** Study. Friendship. Thinking.

*Submetido em: setembro de 2015*

*Aprovado em: dezembro de 2015*